

## **As Festas Urbanas no Oeste Catarinense, na conjuntura dos anos 80**

Carla Cristina Pedrozo da Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

As Festas Urbanas, nos anos 80, tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul, configuram-se como um fenômeno regular, principalmente nos municípios de médio e pequeno porte, cuja economia baseava-se na agroindústria. Este trabalho propõe discutir a Festa, a partir de um locus próprio – a Festa Estadual do Milho, ocorrida em Xanxerê (SC), a cada dois anos. Pretende-se avaliar a festa como um empreendimento dos setores produtivos, que buscavam uma alternativa de sobrevivência do capital, frente à crise que se instaurava, na economia brasileira. Daí o recorte enfocando o período conhecido como “Década Perdida”. Esta iniciativa, ao se tornar oficializada, legitimou a visão de um determinado grupo social sobre a cidade, ao mesmo tempo em que se tornou território de sua liderança.

Neste trabalho, buscamos salientar as representações transmitidas na e pela festa, tais como: “cidade próspera”, “terra de trabalho” e “lugar de harmonia”, ou seja, imagens que encobrem os conflitos, homogeneizando a cidade e propagando-a como local de consumo.

### **Palavras – chave:**

História das cidades – Representações – Festa Urbana

### **Abstract**

The Urban Parties, in the 80's, in Santa Catarina and in Rio Grande do Sul, became a periodical and regular phenomenon, especially in medium and small cities, where the economy was based in the industrial agriculture. This paper aims at discussing the Party, from its own locus: the “Festa Estadual do Milho”, which happens in Xanxerê (SC), every two years. We intend to analyze the party as an initiative of productive groups that were searching for an alternative way of economic survival, facing the structural crisis that was happening in the Brazilian economy. So, we chose a period known as “Lost Decade”. When this initiative became official, it transmitted and legitimated only one group's point of view of the city, at the same time it became legitimate territory of promoters social actors leadership.

In this paper, we try to call the attention to the representations transmitted in and through the party, such as: “prosper city”, “work land”, “harmony place”, in other words, images which hide the conflicts that exist in the urban space, turning the city into a homogeneous place and advertising it as an ideal place for commerce.

### **Key-words:**

History of cities – Representations – Urban Party

Durante os anos 80, especialmente em municípios de base agroindustrial, tanto em Santo Catarina, como no Rio Grande do Sul, vimos despontar e proliferar o fenômeno das Festas Urbanas. Estas, apesar de serem sediadas em centros citadinos, valiam-se de temáticas voltadas ao cenário agrícola, homenageando um determinado fruto ou elemento

de cultivo, como símbolo da fartura de sua terra. Algumas, inclusive, chegaram a alcançar uma projeção maior, englobando a Região ou até mesmo o Estado<sup>2</sup>.

A Festa que propomos enfocar neste artigo - A Festa Estadual do Milho - insere-se neste conjunto de acontecimentos. Seu surgimento corresponde ao período reconhecido na história econômica como “década perdida”, quando houve a estagnação do ciclo de crescimento da economia brasileira.<sup>3</sup>

No Estado de Santa Catarina, a década em questão configurou uma das fases mais difíceis na sua história econômica. A recessão do período 1981-1983 e as diversas tentativas de frear a inflação nos anos 80 implicaram na interrupção da trajetória de crescimento econômico do Estado, que, apesar de apresentar durante muito tempo velocidade superior à média nacional, registrou desaceleração<sup>4</sup>.

No Oeste, a crise econômica iniciada nos anos 80 também deixou impactos, principalmente entre pequenos agricultores, que, empobrecidos, abandonaram suas terras, o que proporcionou alterações nas relações produtivas. Com a saída do pequeno agricultor, o Oeste Catarinense – reconhecido espaço agroindustrial – fortaleceu-se a partir do sistema de integração entre proprietários rurais e grandes empresas<sup>5</sup>. Este sistema de integração possibilitou à Região sobreviver em meio à crise. Se o mercado interno não oferecia condições de ampliação de consumo, o desempenho exportador das agroindústrias avançou, assegurando uma situação mais confortável em termos econômicos, quando comparados a outras regiões do Estado<sup>6</sup>.

Dentro deste panorama econômico, os setores produtivos de Xanxerê e de municípios vizinhos buscaram organizar, em 1981, a I Festa Estadual do Milho, visando fortalecer a economia local. De acordo com o histórico oficial da Festa, o segmento dos agropecuaristas e dos empresários da agroindústria, assistidos pelos órgãos do governo de Santa Catarina responsáveis por assessorar os produtores em suas safras<sup>7</sup> levaram a

sugestão ao Executivo Municipal, à Câmara de Vereadores e ao Presidente da Comissão Agropecuária do Município, que “prontamente apoiaram a idéia”<sup>8</sup>.

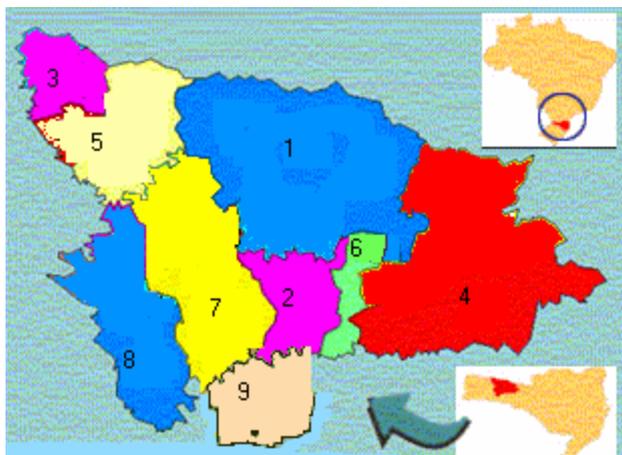


Figura 1: Microrregião de Xanxerê (1982)/Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI)

Legenda:

1. Abelardo Luz
2. Faxinal dos Guedes
3. Galvão
4. Ponte Serrada
5. São Domingos
6. Vargeão
7. Xanxerê
8. Xaxim
9. Xavantina

Fonte: [www.redamp-xxe.com.br/~amai/plano.htm](http://www.redamp-xxe.com.br/~amai/plano.htm)

A Festa foi planejada a partir da colheita oficial do milho de Santa Catarina<sup>9</sup>, em 1981, quando se encerrava a Semana Ruralista do Município. Prefeito municipal, vereadores, deputados, lideranças do município, técnicos e mais de 500 agricultores participaram deste evento. Os objetivos dos setores sociais envolvidos na organização foram os seguintes:

(...) promover e divulgar o município através do evento; promover um intercâmbio cultural e científico entre técnicos e produtores, sobre a cultura do milho; motivar a população para o melhor aproveitamento do milho na alimentação humana; promover o turismo e proporcionar lazer e confraternização; homenagear o produtor de milho; estimular para a diversificação de culturas bem como o aumento da produtividade e produção de milho; e, oportunizar ao Município e Região, mostrar sua pujança agropecuária, comercial e industrial, através desta realização<sup>10</sup>.

O surgimento de uma Festa que homenageasse o produto agrícola mais importante da economia do Estado voltava-se, assim, ao atendimento das perspectivas econômicas das classes produtoras do Município e da Região. O produtor rural - o agropecuarista - atuaria como sujeito principal da Festa, mostrando o seu trabalho enquanto um aliado do progresso e da fartura e, segundo a ótica projetada, contribuindo em prol do crescimento econômico geral, já que também poderia efetuar vendas e/ou compras de outros produtos ou serviços oferecidos na mesma. Além disto, ao possibilitar intercâmbios científicos e culturais entre técnicos e produtores, percebemos que, mais uma vez, a fundamentação econômica respaldou os objetivos dos idealizadores do evento.

As principais atividades da I Festa Estadual do Milho - concurso de produtividade de milho, exposição e premiação do gado suíno e bovino, ciclo de palestras e ensinamentos de cultivo - voltavam-se, assim, para atender aos interesses da elite produtiva, que tentava encontrar uma saída para a sua situação de crise vivida pela Região. São estes setores que, embora mais enriquecidos, mas também penalizados pela crise que assolava o país, pensaram a Festa e que a projetaram enquanto um tempo e espaço para o desenvolvimento das atividades econômicas e técnicas (que, por sua vez, respondem às exigências financeiras). O festejo, assim, não buscou ser um acontecimento que provocasse uma mudança estrutural, nem pretendeu reverter a crise que se instaurava na economia, mas ele possibilitou aos setores envolvidos a tomada de fôlego para sobreviver em meio a essa recessão.

Como o fortalecimento da economia do município e da região era o alvo principal da Festa, as ações desenvolvidas foram em direção a esta meta. Neste sentido, salientamos a construção do Parque de Exposições, que buscou apresentar um ambiente atrativo à visitação e ao desenvolvimento das atividades econômicas. Seu cenário, planejado para ser ecologicamente harmonioso, sua infra-estrutura montada em meio ao bosque, a promoção

de espetáculos artísticos e a preocupação com a limpeza, segurança e decoração, foram estratégias que objetivavam mostrar um lugar excelente, senão ideal, para comprar, vender, passear e admirar<sup>11</sup>.

As ações desenvolvidas em busca de crescimento econômico ultrapassaram as fronteiras do Parque e abrangeram o espaço urbano. Este foi remodelado para atrair visitantes e também para mostrar à população local a importância da festividade para o desenvolvimento da cidade. O embelezamento de ruas, vitrines e órgãos públicos, receberam decorações alusivas ao milho, oficializando, perante a coletividade, a hegemonia do setor agroindustrial<sup>12</sup>.

As transformações que ocorreram no espaço físico da cidade também aconteceram na esfera do simbólico. As imagens, os discursos e os símbolos da festa transmitidos foram mais uma estratégia que buscou fortalecer a idéia inicial de angariar recursos para a cidade e Região. Salientamos neste ponto a divulgação do selo da festa e a criação do título de “Capital do Milho” para Xanxerê. Ambas representações corroboraram a força dos setores produtivos, salientando o ofício e a laboriosidade do investidor como marcas da cidade e da festa. E a aceitação destes esquemas intelectuais consolidaria o domínio dos grupos que as formularam.



Figura 2: Selo Comemorativo a I FEMI (1982)  
Arquivo: Associação Comercial e Industrial de Xanxerê

Ao se configurar como um evento de mostra da riqueza e do potencial do Município e Região, a FEMI se distanciou progressivamente da Festa enquanto tempo comemorativo da colheita, que celebrava a fartura e a partilha, características das sociedades agricultoras. Apesar desta transmutação, a representação da fartura de alimentos não fora excluída. Ao contrário, esta imagem foi explorada, de modo a atuar como um importante elemento propagandístico do evento, mostrando o trabalho agrícola como uma atividade enaltecida<sup>13</sup>. A valorização do trabalho se inseria, ainda, em um conjunto de elementos éticos que buscavam imprimir uma conduta para a coletividade: o povo da cidade devia ser educado, o espaço precisava ser limpo, seus transeuntes deviam gozar de segurança. Aqui os objetivos iniciais da festa se desdobraram em outros e passaram a se referir à construção de um espaço e de uma identidade baseada em um modelo de comportamento. A busca pelo crescimento constante veio acompanhada de uma preocupação com a divulgação da boa imagem do município e de sua gente.

O modelo de conduta adotado e propagado foi aquele que pertencia às características da cidade oficial, apresentando o espaço social como ausente de conflitos. A comunidade, nesta perspectiva, apareceu como uma aliada do progresso. Aqui, esta categoria passou a significar não mais a totalidade dos habitantes da cidade e da Região, mas aquele capaz de fazer algo em prol do seu desenvolvimento, como realizar um trabalho considerado promissor, oferecer serviços ou comprar ingressos para assistir às mostras nos estandes. Seu envolvimento tornou-se um indício de cidadania<sup>14</sup>.

Em suma, a FEMI apresentou no seu conjunto de ações uma lógica coerente que transformou o ato de pensar a cidade, sua identidade, e o lazer no tempo da Festa. Desse modo, a elaboração da programação, a construção e reconstrução dos ambientes, a veiculação dos valores e das representações, tudo isso formou uma unidade discursiva e de ações que corroborou o projeto inicial desenvolvido pelos grupos que a pensaram, como

uma estratégia de sobrevivência naquela década de crise. Além da sobrevivência, o próprio domínio e expansão dos grupos se confirmavam perante a coletividade no esplendor e na superação de cada edição realizada.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UNISINOS, São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Salientamos, neste caso, o surgimento da Festa da Bergamota, ocorrida em São Sebastião do Caí (RS), no então distrito de Capela de Santana no ano de 1970, mas transferida para o Parque do Município em 1979/80; a Festa Nacional do Moranguinho, ocorrida em Bom Princípio (RS), em 1985; a Festiveiro de Carlos Barbosa (RS), em 1985; a Fenamilho, em Santo Ângelo (RS), no ano de 1986 (edição seriada); a Festa Nacional do Pinhão, em Lages (SC), no ano de 1989 e a Festa Nacional do Kiwi, em Farroupilha (RS) surgida em 1991. Consideramos estes eventos como divulgadores da idéia de produtividade do município e sua Região. Destacamos, também, o surgimento da Expointer, em Esteio (RS), na década de 70. Esta Festa, a partir da sua produção e alcance, se transformou numa feira divulgadora do potencial agropecuário e industrial de todo o Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Estudos econômicos referentes ao período destacam que a estagnação dos anos 80 no Brasil instalou-se logo após ciclos de crescimento econômico, marcado pela elevação da taxa do PIB, no período 1945-1980. A crise da “década perdida” inseriu-se no contexto provocado, dentre outros fatores, pela alta dos juros advindos da crise mundial dos preços do petróleo e pela política desenvolvimentista das décadas anteriores, que aumentou o endividamento externo brasileiro. Sobre estudos econômicos e política desenvolvimentista no Brasil, ver BELUZZO, Luís G.M; COUTINHO, R. (org.) *Desenvolvimento Capitalista no Brasil – ensaios sobre a crise*. 4ªed. Campinas: Unicamp – IE, 1998.

<sup>4</sup> LINS, Hoyêdo Nunes. O alvorecer de um novo século. In: SANTOS, Sílvio C. (org.) *Santa Catarina no Século XX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

<sup>5</sup> Neste contexto de crise, ocorreu, entre 1980 e 1992, o que se chamou de “esvaziamento populacional e político da Região Oeste Catarinense”. Ou seja, houve a diminuição do número de famílias agricultoras e o empobrecimento dos pequenos agricultores na Região. Grande parte dos agricultores remanescentes teve que adequar a sua base econômica através do sistema de parcerias com as agroindústrias, voltando-se à produção/criação dos seus principais produtos: milho/suínos e, posteriormente, milho/suínos/aves. O milho, neste esquema, encontra-se na base desta atividade produtiva. Sobre a crise na agricultura familiar no Oeste Catarinense, ver FEDRINI, Dalila Maria. *A Economia Solidária Rural no Oeste Catarinense: um Estudo de Caso Sobre a AGRIMA - Associação De Agricultores Monte Alegre*. Disponível em: <[http://www.rizoma.ufsc.br/semint/trabalhos/Dalila%20Maria%20Pedrini\\_FURB.doc](http://www.rizoma.ufsc.br/semint/trabalhos/Dalila%20Maria%20Pedrini_FURB.doc)> Acessado em 14 jun. 2004.

<sup>6</sup> A Região Sul de Santa Catarina foi a que apresentou maiores dificuldades no Estado, em virtude da retirada dos subsídios do setor carbonífero e da retração da construção civil, que redimensionou o setor cerâmico. O setor do vestuário, abarcando fortemente mão de obra informal e os desempregados dos setores em crise, floresceu nesta época. Sobre o desempenho das regiões de Santa Catarina no período, ver LINS, op. cit.

<sup>7</sup> EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural)/ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina)

<sup>8</sup> Histórico Oficial da I FEMI, 1982, p.1.

<sup>9</sup> A Colheita Oficial do Milho é uma atividade que ocorre anualmente na Região Oeste de Santa Catarina, abrindo simbolicamente a colheita do cereal no Estado. A cada ano, uma determinada propriedade é escolhida pelas autoridades para sediar esta abertura simbólica, que dá início à colheita da safra.

<sup>10</sup> Comunicado Oficial da Prefeitura à Imprensa, 04/05/1982.

<sup>11</sup> O Parque se configurou em um subespaço da cidade, salientando os elementos urbanos e rurais que iriam ao encontro dos anseios de seus planejadores e, ao mesmo tempo, ocultando os aspectos considerados nocivos ao bom curso do empreendimento. Sobre a veiculação do parque da festa com palco transmissor da elementos

---

portadores da cultura de massa, voltados à ótica capitalista, ver FLORES, Maria Bernadete R. *Oktoberfest. Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp*. Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1997.

<sup>12</sup> Salientamos que estas representações veiculam o espaço urbano como homogêneo, ocultando os conflitos e mostrando o mesmo como próprio para o consumo, dentro da lógica de mercadorização que fundamenta a concepção da cidade na América Latina pós anos 80. Ver MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>13</sup> A propósito, percebemos que esta Região, recente e aceleradamente industrializada, encontrou, no trabalho agrícola e artesanal do campesino, um ícone de suas representações. A atividade mostrada como digna de admiração e respeito era aquela exercida pelo colono desbravador, dono da sua terra, que semeava diariamente suas sementes sem o uso da tecnologia e sem voltar-se às exigências do mercado e da economia de concorrência.

<sup>14</sup> A projeção dos espaços também foi realizada a partir daqueles elementos que foram avaliados como próprios à visitação e ao consumo. Xanxerê passou a ser apresentada como terra de progresso, própria para atrair novos investimentos e parcerias. Ou seja, a cidade legal, veiculada na festa e alvo das benesses trazidas por ela, era aquela que produzia renda e riqueza para o município.